



AS FEIRAS DE CONFECÇÃO POPULAR E SUAS INTERAÇÕES ESPACIAIS: A FEIRA DO MUNICÍPIO DE IPU/CE

THE POPULAR CLOTHING FAIRS AND THEIR SPACE INTERACTIONS: THE FAIR OF THE MUNICIPALITY OF IPU/CE

LAS FERIAS DE CONFECCIÓN POPULAR Y SUS INTERACCIONES ESPACIALES: LA FERIA DEL MUNICIPIO DE IPU/CE

Recebido em: 01/12/2020

Aceito em: 10/12/2020

Antônia Beatriz Nunes Ferreira¹
Luiz Antônio Araújo Gonçalves²

RESUMO

O presente artigo trata do estudo da feira de confecção popular da cidade de Ipu e teve o objetivo de investigar as interações espaciais dessa feira livre, que surgiu como espaço de comércio popular na área central da pequena cidade de Ipu, no interior do estado do Ceará, atrelada à dinâmica dos agentes do circuito inferior na economia urbana. A feira de confecção ficou conhecida como “*Shopping Chão*”, destacando-se na economia regional como centro de comercialização de confecções, fortalecendo a centralidade da feira e da cidade de Ipu. A metodologia da pesquisa baseou-se na observação participativa da rotina da feira, que ocorre uma vez por semana, sempre às quintas-feiras, e também no levantamento bibliográfico e trabalho de campo com a aplicação de questionários com os feirantes. O desenvolvimento da pesquisa nos permitiu revelar as racionalidades relevantes para a compreensão do funcionamento da feira, os padrões de interações espaciais existentes e seu papel nas relações econômicas e sociais que produzem o espaço das pequenas cidades. Assim, constatamos o papel que as Micro e Pequenas Empresas – MPE’s do ramo da confecção (facções) têm na produção e distribuição de mercadorias no espaço da feira, movimentando a economia urbana. A feira do Ipu se destacou em razão da distribuição e comércio de confecção produzida em Fortaleza e Região Metropolitana. A pesquisa revelou, ainda, a quantidade expressiva de pessoas envolvidas - feirantes, carregadores, ambulantes e compradores – que movimentam grande quantidade de mercadorias e valores financeiros, destacando a importância do espaço da feira no comércio das pequenas cidades.

Palavras-chave: Feira; Indústria de Confecção; Interações Espaciais; Pequena Cidade; Redes Geográficas.

ABSTRACT

This article deals with the study of the popular clothing fair in the city of Ipu, and aimed to investigate the spatial interactions of this free market that emerged as a space for popular commerce in the central area of the small city of Ipu, in the interior of the state of Ceará, linked to the dynamics of the agents of the lower circuit in the urban economy. The clothing fair

¹ Graduanda do Curso de Geografia (Bacharelado) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral, Ceará. E-mail: biiuanunes@outlook.com.

² Professor Adjunto do Curso de Geografia (Bacharelado / Licenciatura) e do Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (MAG/UVA), Sobral, Ceará. E-mail: luiz_goncalves@uvanet.br.

became known as “Shopping Chão”, standing out in the regional economy as a center for clothing sales, strengthening the centrality of the fair and the city of Ipu. The research methodology was based on the participatory observation of the fair's routine, which occurs once a week, always on Thursdays, and also on the bibliographic survey and field work with the application of questionnaires with the marketers. The development of the research allowed us to reveal the relevant rationales for understanding the functioning of the fair, the patterns of existing spatial interactions and their role in the economic and social relations that produce the space of small cities. Thus, we see the role that Micro and Small Companies - MPE's in the clothing industry (factions) have in the production and distribution of goods in the fair space, driving the urban economy. The Ipu fair stood out due to the distribution and trade of clothing produced in Fortaleza and the Metropolitan Region. The survey also revealed the significant number of people involved - marketers, porters, street vendors and buyers - who handle a large amount of goods and financial values, highlighting the importance of the fair space in small town commerce.

Keywords: Fair; Clothing Industry; Spatial Interactions; Small town; Geographic Networks.

RESUMEN

Este artículo aborda el estudio de la feria de ropa popular en la ciudad de Ipu, y tuvo como objetivo indagar en las interacciones espaciales de este libre mercado que surgió como un espacio de comercio popular en la zona central de la pequeña ciudad de Ipu, en el interior del estado de Ceará, vinculado a la dinámica de los agentes del circuito inferior en la economía urbana. La feria de ropa pasó a conocerse como “Shopping Chão”, destacándose en la economía regional como un centro de venta de ropa, fortaleciendo la centralidad de la feria y la ciudad de Ipu. La metodología de investigación se basó en la observación participativa de la rutina de la feria, que se realiza una vez en la semana, siempre a los jueves, y también en la encuesta bibliográfica y el trabajo de campo con la aplicación de cuestionarios con los comercializadores. El desarrollo de la investigación permitió revelar los fundamentos relevantes para comprender el funcionamiento de la feria, los patrones de interacciones espaciales existentes y su rol en las relaciones económicas y sociales que producen el espacio de las pequeñas ciudades. Así, vemos el papel que tienen las Micro y Pequeñas Empresas - MPE en la industria del vestido (facciones) en la producción y distribución de bienes en el espacio, impulsando la economía urbana. La feria Ipu se destacó por la distribución y comercialización de prendas de vestir producidas en Fortaleza y Región Metropolitana. La encuesta también reveló la cantidad significativa de personas involucradas (comercializadores, portadores, vendedores ambulantes y compradores) que manejan una gran cantidad de bienes y valores financieros, destacando la importancia del espacio ferial en el comercio de las pequeñas ciudades.

Palabras Clave: Feria; Confección; Interacciones espaciales; Pequeña ciudad; Redes geográficas.

INTRODUÇÃO

A feira livre é o espaço marcado por relações econômicas, sociais e culturais, de maneira que essa modalidade de comércio exerce um papel importante na dinâmica das cidades brasileiras. As feiras livres são espaços populares ainda bem presentes nas pequenas cidades do interior da região Nordeste, mesmo com os reflexos das modernizações tecnológicas e manifestações geográficas do atual *período técnico-científico-informacional* (SANTOS, 2006).

À medida em que as grandes cidades captam para si população e atividades produtivas, permanecendo como centros de decisões, surgem “[...] novos espaços dinâmicos, contudo, *Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 3, volume 14º, p. 46-62, Jan/Dez/2020. ISSN: 1982-3800*

conservando-se uma lógica seletiva e com forte expansão dos circuitos da economia urbana.” (HOLANDA, 2010, p. 253). Segundo Teles, o processo de reestruturação produtiva promoveu transformações nos setores produtivos que passaram por modernizações relativas, com destaque para as atividades industriais, mas também em outros setores econômicos, resultando “[...] em mudanças no mundo do trabalho, no qual o desemprego, a precarização e a exigência de mão de obra especializada passam a ser caracterizadores da expansão capitalista no País, e no Ceará em específico.” (TELES, 2015, p. 123).

Nesse contexto, Holanda aponta a coexistência dos circuitos da economia urbana e suas territorializações na cidade média de Sobral, que polariza os municípios da região Noroeste do estado do Ceará, dentre eles o município de Ipu. Com exceção do circuito superior moderno que, em geral, é constituído de ações deslocadas do território local, cabe ao circuito inferior, ao lado do circuito superior marginal, atender às necessidades de consumo da maioria da população, cujos hábitos de consumo são induzidos pelo “efeito demonstração”, ou seja, pelo desejo da classe pobre de consumir da mesma maneira que a classe rica. Todavia, “[...] as diferenças gritantes de renda levam o primeiro a se contentar com os ‘*genéricos*’ oferecidos pelo circuito inferior [...]”, e embora o circuito inferior também negocie produtos originais, o comércio de produtos “genéricos” ou de segunda linha torna-se emblemático nos espaços de comércio popular dessa cidade média (HOLANDA, 2013, p. 232).

Os espaços de comércio popular, como atividades econômicas de natureza informal, atuam nas margens do comércio legal, regular ou formal, e é caracterizado tanto pela condição não legal ou semilegal do seu exercício, quanto pela existência instável de tolerância e a tendência reduzida a uma regularização específica (CORIOLANO *et al.*, 2009). O desafio de abordar a feira de confecção passa, contudo, pela necessidade de compreender o movimento social amplo que torna a sua realização algo mais complexo, indo além da visão dualista e restrita à noção de mercado formal e informal. Acreditamos que, para superar essa visão estanque, devemos melhor contextualizar a abrangência da feira a partir das relações estabelecidas no setor produtivo e as esferas de comercialização que não se limitam a uma “formalidade” ou “informalidade”, pois ambas são consideradas como interdependentes e complementares enquanto subsistemas de um sistema urbano capitalista contemporâneo (SANTOS, 2008).

Segundo Gonçalves, o contexto de reestruturação das relações de trabalho no Brasil provocou a expansão do comércio dito “informal” nas grandes cidades. O excedente de trabalhadores pressionou, sobremaneira, o mercado de trabalho, contribuindo para a ocupação de espaços públicos como praças e calçadas. Dessa maneira, a feira e o artesanato constituíram-

se numa “[...] alternativa para muitos trabalhadores que viram na produção e comércio de artesanato um meio de sobrevivência nas circunstâncias do desemprego” (GONÇALVES, 2009, p. 26).

Entendemos que a feira de confecção da cidade de Ipu surgiu como espaço de comércio popular numa pequena cidade do interior do estado do Ceará, atrelada à dinâmica dos agentes do circuito inferior na economia urbana. O presente artigo teve o objetivo de analisar as interações espaciais da feira de confecção popular do município de Ipu, Ceará. Partimos, assim, do recorte empírico da pesquisa, a feira livre da cidade de Ipu, caracterizada como espaço de múltiplas relações como forma de comércio tradicional, que funcionava no centro da cidade.

Segundo Corrêa (1989), o centro da grande cidade, enquanto síntese dos diferentes usos da terra justapostos, concentra atividades comerciais, de serviços, de gestão, áreas industriais, áreas residenciais e de lazer. Distante da realidade de concentração populacional e de atividades produtivas, as cidades pequenas “[...] tendem a assumir feições particulares no arranjo da rede urbana.”. De modo específico, essas cidades podem se fortalecer no contexto urbano-regional “[...] em função da instalação de grandes estabelecimentos industriais e que possuem outras particularidades animadas pela ampla divisão territorial do trabalho [...]” (SPOSITO; SILVA, 2013, p. 45).

No caso da cidade de Ipu, essa particularidade ocorreu por parte da distribuição e comércio de confecção popular no espaço da feira quando esta ainda ocorria na área central da cidade. Em razão do grande fluxo de compradores, da estrutura precária das barracas e conflitos com comerciantes fixos, dificuldade de circulação de veículos e norma urbana, a feira foi deslocada para a área de um clube - o Grêmio Recreativo Ipuense – situado nas bordas da cidade (Figura 1).

Figura 1 - Vista do Grêmio Recreativo Ipuense no limite da cidade



Fonte: Nunes (2019).

A feira de confecção ficou conhecida como “*Shopping Chão*”, destacando-se na economia regional como centro de comercialização de confecções, fortalecendo, ainda, a centralidade da feira e da cidade de Ipu. A metodologia da pesquisa contou com o levantamento bibliográfico, trabalho de campo com realização de observação participativa e com a aplicação de vinte questionários. Buscamos revelar, assim, as interações espaciais dessa feira de confecção e suas articulações, fluxos de mercadorias e padrões espaciais, haja vista que as interações espaciais são constituídas por um

[...] amplo e complexo conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico. Podem apresentar maior ou menor intensidade, variar segundo a frequência de ocorrência e, conforme a distância e direção, caracterizar-se por diversos propósitos e se realizar através de diversos meios e velocidades (CORRÊA, 2006, p. 279).

As feiras livres dedicadas ao comércio da confecção popular desempenham um papel de destaque nas pequenas cidades do Noroeste cearense. Suas repercussões no espaço urbano ocorreram de várias maneiras, ou seja, na circulação de capital, mercadorias e de pessoas (GONÇALVES; AMORA, 2014). Mais adiante, realizamos alguns apontamentos sobre as feiras de confecção popular da região Noroeste do Ceará.

AS FEIRAS DE CONFECÇÃO POPULAR – ALGUNS APONTAMENTOS

A origem da feira como forma de comércio ocorreu ainda na Idade Média, com o aumento da circulação de mercadorias entre cidade e campo. Huberman (2010) vai observar, entretanto, a diferença entre as feiras e os mercados locais semanais. Enquanto estes negociavam produtos locais, em geral, agrícolas,

As feiras, ao contrário, eram imensas, e negociavam mercadorias por atacado, que provinham de todos os pontos do mundo conhecido. A feira era o centro distribuidor onde os grandes mercadores, que se diferenciavam dos pequenos revendedores errantes e artesãos locais, compravam e vendiam as mercadorias estrangeiras procedentes do Oriente e Ocidente, do Norte e do Sul (HUBERMAN, 2010, p. 18).

As feiras livres ou mercados populares da Idade Média revelavam o crescimento da atividade comercial com a troca de mercadorias com diferentes lugares, exercendo um papel relevante no crescimento das cidades. No Brasil, as feiras livres tiveram uma importância significativa, principalmente na região Nordeste, ganhando destaque na vida urbana das cidades, tornando-se uma prática socioeconômica e cultural. Segundo Gonçalves (2019, p. 53), as feiras “[...] tiveram grande importância nos núcleos urbanos de povoamento na região, de modo que várias cidades se originaram com elas.”. Segundo Corrêa (2001, p. 69), “[...] quanto menor a centralidade de uma cidade, maior a importância relativa da feira semanal [...]”, isto é, “[...] o dia de feira é, efetivamente, o dia em que o pequeno núcleo passa a exercer alguma centralidade.”. Para Gonçalves e Amora (2014), as feiras livres no Brasil, desde os anos 1970, vêm passando por mudanças significativas com a:

[...] inserção maciça de produtos da indústria da confecção popular que chegam ao ambiente da feira à medida que esta se insere na economia urbana. O grande volume de confecções negociadas no espaço das feiras juntamente com o comércio de rua, tornou-se para os trabalhadores autônomos, espaços de comercialização da produção de pequenas unidades confeccionistas que vão forjar circuitos espaciais da confecção popular que adentram em várias feiras do interior do estado. No contexto atual, a confecção deixou de ser apenas uma mercadoria dentre outras comercializadas para torna-se o principal produto comercializado na feira (GONÇALVES; AMORA, 2014, p. 5).

A expansão do comércio de confecção popular em feiras livres, entretanto, não ficou restrita ao comércio popular situado nas capitais nordestinas, mas se difundiu por cidades médias e pequenas, ensejando outros fluxos de comércio e compondo redes geográficas de feiras livres de confecção popular no Ceará, cujas principais são as feiras de São Benedito, Ipu, Aprazível/Sobral, Deserto/Itapipoca e, é claro, a feira da rua José Avelino, na capital do Estado, Fortaleza (GONÇALVES, 2016).

Essas feiras são abastecidas por um grande número de Micro e Pequenas Empresas – MPE’s que operam no ramo da confecção popular e conseguem expandir sua produção em pequenas fábricas e facções, formando “[...] um circuito da produção da confecção popular e sua articulação com os circuitos de distribuição e comércio dos produtos do vestuário em feiras populares situadas na capital e em cidades do interior do estado” (GONÇALVES; AMORA, 2014, p. 6).

Esse é o caso da feira de confecção do Ipu, que ocorre sempre às quintas-feiras por volta das 16 horas, estendendo-se pela noite. Compreendemos que essa feira compõe um circuito de

feiras de confecção e é abastecida pela produção vinda de Fortaleza e municípios da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), sendo uma opção para fabricantes e facionistas que têm comercializado seus produtos em feiras livres mais distantes. Observa-se, assim, que a feira do Ipu passou por transformações nos últimos anos. Essa feira antes vendia principalmente produtos agrícolas e, com a entrada maciça de confecções, estas vêm se tornando predominantes como produto principal de comercialização entre os feirantes.

A breve contextualização da origem das feiras livres pelos autores mencionados acima revela a importância desses mercados periódicos para a sociedade contemporânea, para a comercialização de vários produtos, em diversos lugares do mundo, com destaque para as feiras que formaram cidades, tornando-se uma prática econômica e social e, principalmente, marcando a história da maioria das cidades que cresceram ou se desenvolveram com esses mercados. Vejamos os caminhos da pesquisa e sua imbricação com os caminhos das feiras.

A FEIRA DE CONFECÇÃO DO IPU – OS RESULTADOS DA PESQUISA

A metodologia da pesquisa baseou-se na observação participativa da rotina diária da feira, que ocorre uma vez por semana, sempre às quintas-feiras, bem como no levantamento bibliográfico e no trabalho de campo, com a aplicação de questionários com os feirantes. Entender a condição de feirante nos permitiu discutir as racionalidades e interações espaciais existentes para o desenvolvimento do tema da pesquisa, das leituras realizadas, que foram relevantes para compreender o funcionamento da feira livre na contemporaneidade, e seu papel nas relações econômicas e sociais que produzem o espaço das pequenas cidades.

A Feira de Confecção de Ipu é formada, atualmente, por cerca de 650 feirantes que estão organizados em barracas e, para comercializar na feira, pagam uma contribuição à Associação dos Feirantes no valor de R\$ 15 a 30,00 que é determinado pelo tamanho da barraca. Essa é constituída de estrutura de ferro tubular e cobertura de lona. A distribuição das barracas é feita pela Associação, que as organizou em fileiras, identificadas por letra, e barracas, por número. No trabalho de campo, observamos não haver uma setorização das barracas por tipo de mercadorias vendidas.

A organização e o funcionamento da feira mobilizam uma grande quantidade de trabalhadores e trabalhadoras, envolvendo várias etapas e momentos, desde a montagem/desmontagem, transporte das mercadorias, serviço de iluminação e comercialização, revelando, por um lado, uma parcela considerável de pessoas inseridas nessas atividades, e por outro, a forma precária dessa inserção (GONÇALVES, 2015). A feira utiliza a força de trabalho de mulheres e homens que atuam em seu interior em atividades parciais, com ganhos irregulares

e submetidos à exploração de trabalho, que se torna uma alternativa para os trabalhadores desempregados, movidos pela necessidade de sobrevivência, que se inserem no trabalho da feira, passando ali a ganhar seu sustento (GONÇALVES; AMORA, 2014).

Para uma melhor compreensão da organização e funcionamento da feira de Ipu, descreveremos as pessoas envolvidas. A grande maioria dos feirantes, cerca de 90%, têm barraca própria e, em geral, contratam um carregador que leva a mercadoria do veículo para dentro do clube. Também contratam um montador, que é pago para montar e desmontar a barraca no pátio do clube, principalmente quando ocorrem festas naquele espaço. O feirante é responsável, ainda, por contratar uma pessoa que faça a instalação de pontos de luz para melhorar a iluminação da barraca. E, por último, é comum que o feirante contrate de 1 a 3 ajudantes para auxiliar no comércio das roupas, bem como prevenir pequenos furtos na barraca. Para os feirantes, as despesas que mais impactam no seu faturamento é o pagamento de passagens, “funcionários” (montador, carregador, ajudante) e alimentação, já que trabalhar na feira requer uma permanência de horas. Vale ressaltar que esses são gastos semanais.

A abertura da feira ocorre por volta de 15 horas, no primeiro momento para a entrada de feirantes e carregadores para transbordo da mercadoria e montagem de barracas por ajudantes contratados. A feira é aberta às 16h 30min. para público formado por clientes locais e de outros municípios, que vêm realizar compras no varejo e atacado. No auge do seu funcionamento, com todas as barracas montadas e a grande movimentação de compradores, vemos o vigor que a dinâmica da feira traz para a cidade, como podemos visualizar na figura 2, que apresenta a ocupação das ruas por ônibus e carros no entorno do clube. Por volta de 20h 30min., muitos feirantes já começam a desmontar a barraca e guardar a mercadoria, haja vista ter outra feira na madrugada do dia seguinte, no distrito de Aprazível, município de Sobral.

No interior da feira atua, ainda, outro grupo de trabalhadores, que comercializa alimentos para o público de feirantes e compradores. São vendedores ambulantes da própria cidade, que vendem diversos alimentos, dentre os quais bolos, sanduíches, refeições, refrigerantes, sucos e água mineral. Esses trabalhadores circulam por toda a extensão da feira com o suporte de carrinhos, caixas térmicas ou fazem uso de barracas montadas na parte externa, tendo livre acesso e circulação no clube.

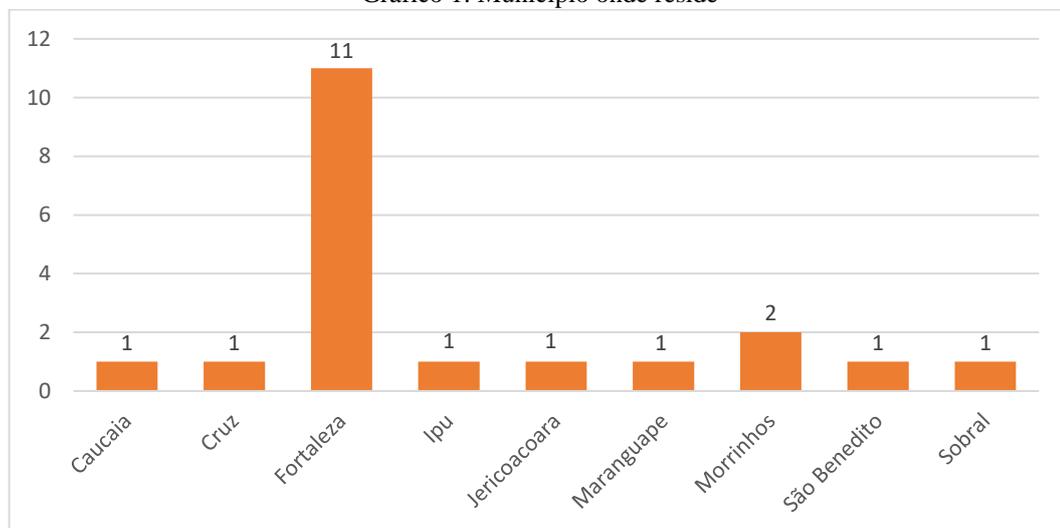
Figura 2 - Vista área da feira de confecção de Ipu/CE



Fonte: Nunes (2019).

Com relação às interações espaciais que a feira do Ipu articula, verificamos, conforme o gráfico 1, que a feira mobiliza o maior número de feirantes da cidade de Fortaleza, capital do estado, como grande polo confeccionista juntamente com os municípios da sua Região Metropolitana, refletida na ocorrência de feirantes oriundos de municípios como Maranguape e Caucaia. Também podemos constatar que a feira movimenta feirantes da região Noroeste do estado, com feirantes que vêm de cidades da chapada da Ibiapaba, como São Benedito, município mais próximo, mas também de outros mais distantes, como Morrinhos, Cruz e até da turística Jijoca de Jericoacoara.

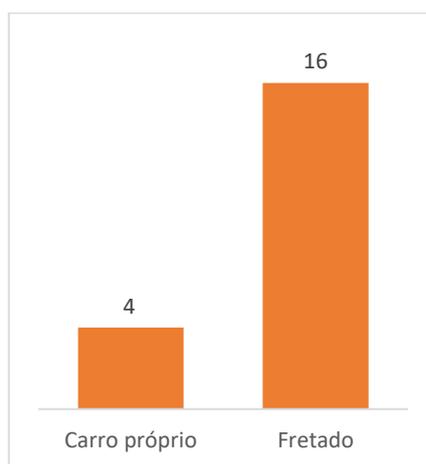
Gráfico 1: Município onde reside



Fonte: Pesquisa Direta (2019).

Conforme podemos constatar no gráfico 2, o deslocamento da mercadoria ocorre por meio de ônibus fretado para a maioria dos entrevistados, embora outros utilizem o próprio veículo para transportar a mercadoria que será comercializada na feira do Ipu. As confecções comercializadas são, em geral, peças de vestuário (camisetas, calças, *shorts*, blusas, moda *fitness*, moda íntima, jeans, vestidos e roupa de banho) e acessórios.

Gráfico 2: Como a mercadoria chega na feira



Fonte: Pesquisa Direta (2019).

Vale destacar que a Associação dos Feirantes organiza alguns ônibus para fazer o transporte dos feirantes e suas mercadorias (Figura 3). Os ônibus da Associação constituem uma estratégia importante que articula a Feira do Ipu a “[...] outras feiras de confecção que ocorrem na região Noroeste do Estado, formando assim uma rede de feiras que acontecem em distintos dias da semana” (GONÇALVES, 2019, p. 109). Para realizar o percurso do circuito de feiras de confecção descrito por Gonçalves (2019) em seu estudo, o feirante precisa ter maior estrutura, organização e capital para percorrer outras feiras, negociando por vários dias. Desse modo, aqueles feirantes que não têm condições de percorrer o circuito das feiras, optam por outro meio de transporte e de fazer chegar a mercadoria apenas na feira do Ipu.

Observamos durante o tempo da pesquisa que o deslocamento da atividade econômica da feira para o espaço Grêmio Recreativo Ipuense proporcionou a valorização dos terrenos próximos. Verificamos que houve, durante o tempo da pesquisa, o crescimento no número de imóveis nas imediações e também melhorias na infraestrutura urbana, com o saneamento, asfaltamento das ruas e abertura de novas vias públicas visando atender ao fluxo de transporte de passageiros dos municípios circunvizinhos que vêm realizar suas compras na feira. Exemplo disso foi a construção da Avenida Osório Rufino que deu acesso à feira sem que os ônibus precisem entrar na cidade, evitando a aglomeração de transportes.

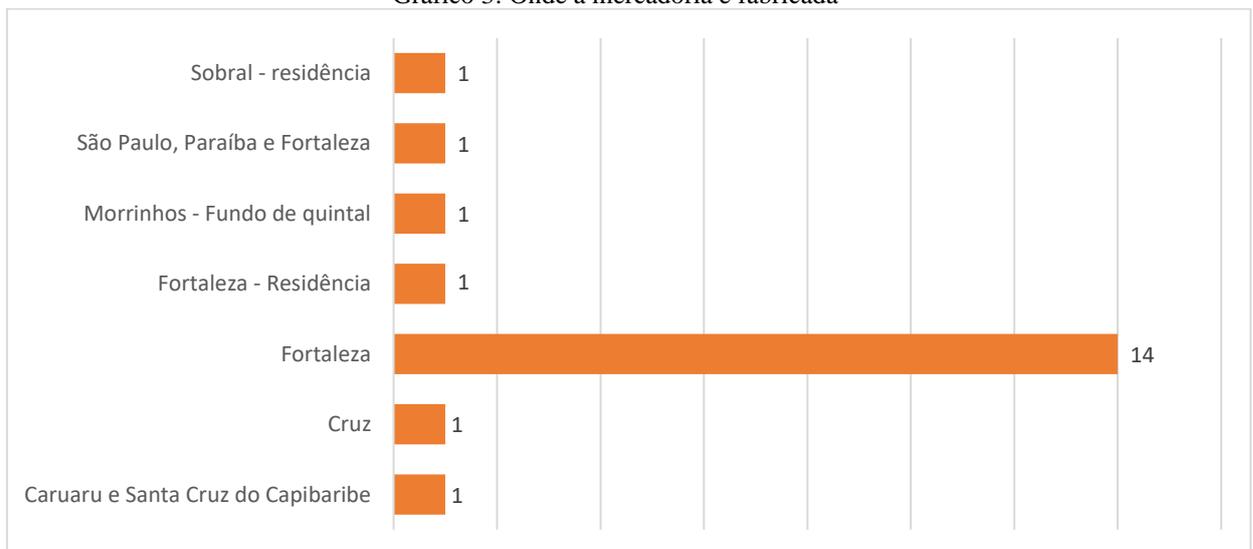
Figura 3: Ônibus de transporte de feirantes e mercadorias estacionados em frente ao clube



Fonte: Nunes (2019).

A interação espacial da cidade do Ipu com Fortaleza é reforçada também quanto à origem da confecção, ou seja, onde foi fabricada. De acordo com o gráfico 3, a grande maioria dos feirantes adquire mercadorias fabricadas em Fortaleza, todavia, parte da confecção vem também de outras cidades da região Noroeste, como Morrinhos, Cruz e Sobral. Vale ressaltar a informação dos feirantes quanto à fabricação realizada na própria residência ou, como denominam, de “fundo de quintal”. Isso também foi informado para a confecção fabricada em Fortaleza, onde o feirante vai até a casa do confeccionista para adquirir a mercadoria. Vale destacar que parte dos feirantes entrevistados fabrica e comercializa em suas residências e apenas uma pequena parcela têm empresa registrada.

Gráfico 3: Onde a mercadoria é fabricada



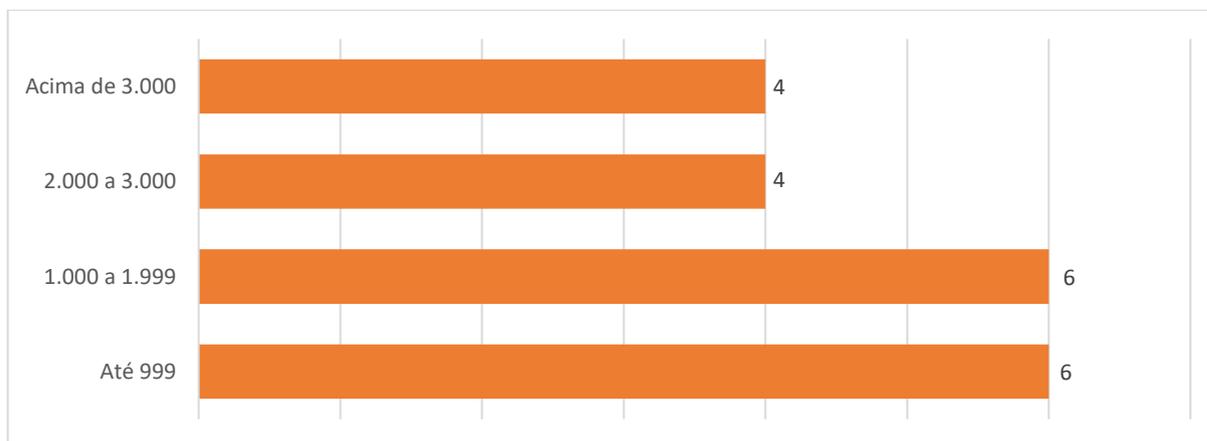
Fonte: Pesquisa Direta (2019).

De outro modo, a feira do Ipu revelou interações com espaços produtivos mais distantes nos Estados de São Paulo, Pernambuco e Paraíba. Segundo Gonçalves (2016), a cidade de Caruaru, marcada pelo histórico de comércio de feira, se constitui numa das cidades principais do arranjo produtivo da confecção popular do agreste pernambucano, juntamente com as cidades de Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. De modo geral, o polo confeccionista do agreste pernambucano também apareceu na pesquisa direta como um polo emissor de mercadoria para a feira.

Do ponto de vista das interações espaciais da feira a partir dos compradores, a confecção vendida no atacado na feira do Ipu vai abastecer sacoleiros e lojistas de diversos municípios dos estados do Piauí, Maranhão, bem como de vários municípios da região Noroeste e dos Inhamuns em nosso estado. Alguns feirantes informaram enviar mercadorias também para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, entretanto, de modo pontual.

No geral, a maioria dos feirantes trabalha como autônomo, não tendo outra profissão que permita contribuir com a previdência social. No tocante à renda mensal auferida pelo feirante, vemos no gráfico 4 que parte deles consegue obter uma renda mensal de R\$ 2.000,00 a R\$ 3.000,00, outros até acima desse último valor, porém, registrou-se outra parcela que tem renda abaixo de R\$ 2.000,00, muitas vezes não chegando a R\$ 1.000,00.

Gráfico 4: Renda mensal dos feirantes

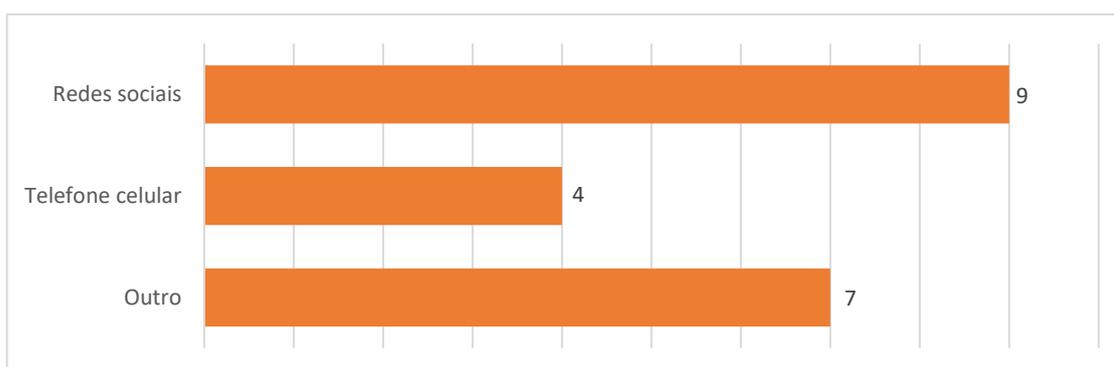


Fonte: Pesquisa Direta (2019).

Conforme Gonçalves (2019), a utilização do espaço da feira para escoar a produção confeccionista contribuiu para a modificação na organização das feiras, ou seja, ter um local para escoamento da produção confeccionista, a variedade de produtos e os preços mais acessíveis contribuiu para a permanência da feira no espaço urbano e até expansão em dados períodos do ano.

O fluxo de informação constitui elemento importante para a análise das interações espaciais da feira. Nesse sentido, a propaganda é um recurso importante nos dias atuais e a utilização de canais de comunicação com sacoleiros e compradores passa a influenciar diferentemente compradores no atacado e também consumidores no varejo. Conforme Santos (2008, p. 46) afirma, a publicidade “[...] é uma das armas utilizadas para modificar os gostos e deformar o perfil da demanda”. Dessa maneira, de acordo com o gráfico 5, verificamos que os feirantes têm feito maior uso das redes sociais para divulgar seus produtos, atraindo os consumidores com essa estratégia para fechar vendas. Os contatos por telefone celular também foram apontados como uma ferramenta importante para viabilizar vendas e novos pedidos de compradores. Embora essas novas tecnologias de informação e comunicação sejam incorporadas ao ambiente da feira, produzindo grande fluxo de informações que influenciam atitudes, gostos, padrões e mercadorias a serem consumidas, parte dos feirantes informou usar outras formas de divulgação da mercadoria.

Gráfico 5: Forma de divulgação da mercadoria



Fonte: Pesquisa Direta (2019).

Vale ressaltar aqui as estratégias de vendas mais tradicionais, ainda presentes no ambiente da feira, como o anúncio em voz alta de preços promocionais ou da chegada de novas mercadorias na barraca. Quanto à estrutura da barraca, o uso de expositores dos produtos ou mesmo a disposição da mercadoria para o fácil acesso da peça de vestuário contribui para atrair consumidores (Figuras 4 e 5).

Figura 4 - Exposição dos produtos das barracas

Figura 5 - Fácil acesso à mercadoria na barraca



Fonte: Nunes (2020)



Fonte: Nunes (2020)

A feira caracteriza-se por suas particularidades, como cheiros, sons e cores. Trata-se de uma paisagem plena de ambulantes, feirantes, fregueses e transeuntes, gerando uma espécie de “caos”, mas que segue a sua própria ordem. A pesquisa na feira livre constituiu-se numa experiência de pesquisa de grande importância, a partir da qual foi possível correlacionar as diversas variáveis aqui levantadas e analisar os indicadores, tecendo comparações dos elementos encontrados no trabalho de campo.

Desse modo, entendemos que a feira de confecção popular do Ipu contribui para o desenvolvimento local, haja vista a mobilização promovida pelo comércio na feira, atraindo grande número de pessoas de municípios do entorno e, ainda, de outros estados. A feira do Ipu tem uma importância econômica para a população ipuense e também para os municípios vizinhos, tornando-se espaço de comercialização intermunicipal que promove a ocupação de trabalhadores. Diante da necessidade de consumir, da fabricação caseira, da ocupação da mão de obra local, do fluxo produzido na economia urbana, verificamos na realização da feira de confecção a atuação dos agentes do circuito inferior e as interações espaciais produzidas em consonância à realidade, no processo de adaptação e transformação permanente da produção capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apontou até aqui para as repercussões da feira na geração de renda e ocupações no município de Ipu. As interações espaciais se estabeleceram com outras cidades, sobretudo, Fortaleza, que envia grande número de comerciantes e confecção todas as quintas-feiras, presentes na feira de confecção do Ipu, que funciona no espaço de um clube recreativo - um ambiente atípico para a ocorrência de uma feira livre. Isso nos mostra também as diversas

adaptações que os agentes realizam para tornar a feira efetiva na dinâmica socioespacial contemporânea. A capacidade de se re-inserir na economia urbana, adaptando-se às normas urbanas, saindo da área central e indo para as bordas da cidade do Ipu, aponta essa flexibilidade tropical, no falar de Santos (1998), que forja rápida adaptação dos espaços de lazer para o comércio da feira, como foi o exemplo do Grêmio Recreativo Ipuense, colaborando, ainda, para a valorização imobiliária do entorno.

A pesquisa revelou a dinâmica dos agentes do circuito inferior e interações espaciais tecidas, de modo que não nos coube analisar as estatísticas oficiais, mas captar a dinâmica e relações produzidas pelo comércio da feira de confecção. Nesse sentido, é grande o significado social e comercial que a feira do Ipu exerce como localidade central nos dias de quinta-feira, caracterizando-se como um mercado diário ou periódico na definição de Bromley (1980) e Corrêa (2001). Alguns elementos, como a espontaneidade da feira, dão lugar aos arranjos dos feirantes representados pela atuação da Associação dos Feirantes e o poder público municipal para que o fluxo de mercadorias e pessoas ocorra em um dado dia e espaço reservado para a feira. Outros comerciantes e vendedores ambulantes se beneficiam da aglomeração, que reúne no entorno da feira vendedores de comidas e bebidas, vigias de carros dentre outros.

Podemos considerar que o comércio de confecções na feira do Ipu contribui para a economia local, havendo, inclusive, interações com Arrajos Produtivos Locais - APL's de confecção de Morrinhos, bem como com arranjos produtivos de outros estados, a exemplo do polo confeccionista do agreste pernambucano (Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe). É preciso, entretanto, fortalecer ações organização do setor produtivo confeccionista no município do Ipu.

Conclui-se, portanto, que o comércio de confecções populares contribui com o desenvolvimento local à medida em que produz interações espaciais com espaços produtivos próximos e distantes. Para a feira oferecer melhores condições estruturais para os trabalhadores que dela sobrevivem são necessárias ações do Poder Público Municipal.

REFERÊNCIAS

- BROMLEY, R. J. Os mercados periódicos dos países em desenvolvimento: uma revisão crítica. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, IBGE, v. 42, n. 3, p. 646-657, jul. /set. 1980.
- CORRÊA, Roberto L. Interações espaciais. In: CASTRO, Iná E. de.; GOMES, Paulo C. da C.; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- CORRÊA, Roberto L. **Trajetórias geográficas**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CORRÊA, Roberto L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

CORIOLANO, Luiza Neide M. T. (et al). **Arranjos produtivos locais do turismo comunitário**: atores e cenários em mudança. Fortaleza: EdUECE, 2009.

FREIRE, Fernanda M. **A feira de confecção da praça da Sé e a economia do turismo**: um estudo da inter-relação entre os setores de turismo, moda e economia informal em Fortaleza/CE. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

GONÇALVES, Luiz Antonio Araújo. **A metamorfose da feira nordestina**: a inserção da confecção popular. São Paulo: Blucher/Edições UVA, 2019.

GONÇALVES, Luiz Antônio Araújo. **A metamorfose das feiras nordestinas com a inserção da confecção popular**: estudo geográfico das Feiras de Caruaru-PE; Arazá, Sobral-CE e Serrinha-BA. 327 f. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

GONÇALVES, Luiz Antônio Araújo. “Pra tá aqui tem que montar, desmontar e carregar”. Mobilidade, território e cotidiano do trabalho na feira de artesanato da Avenida Beira-mar, Fortaleza (CE). **RUA**, Campinas/SP, v. 20, n. 1, p. 66–79, 2015.

GONÇALVES, Luiz Antonio Araújo.; AMORA, Zenilde Baima. As Metamorfoses da Feira Nordestina e os Circuitos Espaciais da Confecção Popular no Estado do Ceará. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 7., **Anais Eletrônicos** [...] Vitória/Espírito Santo. Ago. 2014.

GONÇALVES, Luiz Antonio Araújo. **Traçando mobilidades e tecendo territorialidades**: o comércio de artesanato na Beira-Mar de Fortaleza/CE. 201 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

HOLANDA, Virginia Célia C. de. Sobral-CE: os dois circuitos da economia urbana em uma cidade média do nordeste brasileiro. **OKARA**: Geografia em debate, João Pessoa/PB, v. 7, n. 2, p. 225-240, 2013.

HOLANDA, Virginia Célia C. de. Urbanização brasileira: um olhar pelos interstícios das configurações espaciais seletivas. In: MARIA JÚNIOR, Martha.; FREITAS, Nilson A. de.; HOLANDA, Virginia Célia C. de. (Orgs.). **Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano**: Sobral e região em foco. Sobral: EdUECE/UVA, 2010.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. Tradução de Waltensir Dutra; atualização e revisão técnica de Márcia Guerra. 22 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

SANTOS, Milton. **Espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Trad. Myrna T. Rego Viana. 2. ed. 1 reimpr. São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. 2 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos; 1)

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-Científico-Informacional. 4 ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1998. (Geografia: Teoria e Realidade; 25)

SPOSITO, Eliseu S.; SILVA, Paulo F. J. da. **Cidades pequenas**: perspectivas teóricas e transformações socioespaciais. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2013.

TELES, Glauciana Alves. **Mobilidade, trabalho e interações socioespaciais**: o Complexo Industrial e Portuário do Pecém – CIPP no contexto da Região Metropolitana de Fortaleza. 404 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.